



IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ

Rua Silva Jardim, 503 Macuco – Santos – SP
*Cep 11015-021 – Telefone 0**13 3232-4337*
www.iepaz.org.br – WhatsApp 13-98126-0055
e-mail: iepaz@terra.com.br

Subsede de São Vicente: Rua Frei Gaspar, 3331 – Cidade Náutica

CURSO PANORAMA BÍBLICO I

HISTÓRIA E TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

1º Semestre de 2018

CARTAS PAULINAS II
FILIPENSES
COLOSSENSES
I e II TESSALONICENSES
I e II TIMÓTEO
TITO
FILEMOM

Prof. Pr. Fábio dos Santos Camino

TEXTO BASE:

Panorama do Novo Testamento,

Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS ADICIONAIS:

A Bíblia Anotada (ARA)

Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.

Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,

R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

Introdução ao Novo Testamento,

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, Edições Vida Nova, 1ª edição, 1997.

"...crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo..." (II Pe. 3.18).

CARTAS PAULINAS II

ÍNDICE

CARTA AOS FILIPENSES	5
INTRODUÇÃO	5
AUTORIA E CANONICIDADE.....	5
AUTORIA DO HINO (OU POEMA) DA <i>KENOSIS</i>	5
TEMA E PROPÓSITOS.....	6
POSSÍVEIS LOCAIS DA ESCRITA	6
A PRISÃO EM CESAREIA.....	6
A PRISÃO EM ROMA.....	6
A PRISÃO EM ÉFESO	7
ALEGRIA NA ADVERSIDADE	8
O HINO DA “KENOSIS”	8
CONTRA OS JUDAIZANTES.....	9
AUTOBIOGRAFIA DE PAULO	9
EXORTAÇÕES	10
CONCLUSÃO	10
CARTA AOS COLOSSENSES	11
INTRODUÇÃO	11
TEMA	11
LOCAL DA ESCRITA EM ÉFESO	11
LOCAL DA ESCRITA EM CESAREIA.....	12
LOCAL DA ESCRITA EM ROMA.....	12
A FUNDAÇÃO DA IGREJA DE COLOSSOS	12
UMA IGREJA GENTÍLICA	13
A HERESIA COLOSSENSE	13
DOCTRINA CRISTOLÓGICA	13
EXORTAÇÃO.....	14
CONCLUSÃO	14

I CARTA AOS TESSALONICENSES	15
TEMA	15
CONTEXTO HISTÓRICO	16
O MOTIVO DA CARTA	16
CONTEÚDO	16
CONGRATULAÇÕES	16
EXORTAÇÕES	17
ADVERTÊNCIA.....	17
II CARTA AOS TESSALONICENSES	18
MOTIVOS E TEMA.....	18
ENCORAJAMENTO	18
CORREÇÃO.....	18
CONCLUSÃO	19
AS CARTAS PASTORAIS DE PAULO	20
INTRODUÇÃO	20
AUTORIA E AUTENTICIDADE	20
TEORIA DOS FRAGMENTOS PAULINOS	21
PSEUDÔNIMO.....	22
A OMISSÃO DE MARCIÃO.....	22
GNOSTICISMO	22
ESTRUTURAS ECLESIAÍSTICAS.....	23
ORTODOXIA	23
INFORMES HISTÓRICOS CONFLITANTES	23
DOIS APRISIONAMENTOS EM ROMA	24
ORDEM DE ESCRITA.....	24
PROPÓSITOS SECUNDÁRIOS.....	24
I TIMÓTEO	24
ACEITAÇÃO NO CÂNON.....	24
TIMÓTEO	25
APELO À ORTODOXIA	25
ORAÇÃO E MODÉSTIA	25
BISPOS E DIÁCONOS	26
PROPRIEDADE.....	26
AS VIÚVAS.....	26
OS ANCIÃOS.....	26
CONCLUSÃO	26

II TIMÓTEO	27
INTRODUÇÃO	27
ACEITAÇÃO NO CÂNON.....	27
CONTEXTO HISTÓRICO	27
CONTEÚDO	28
CONCLUSÃO	28
TITO	28
CONTEXTO HISTÓRICO	28
ACEITAÇÃO NO CÂNON.....	29
TITO	29
CONTEÚDO	29
CONCLUSÃO	29
CARTA A FILEMOM	30
INTRODUÇÃO	30
AUTORIA E CANONICIDADE.....	30
DATA E LOCAL DA ESCRITA.....	30
TEMA	31
FILEMOM, O PROPRIETÁRIO DE ESCRAVOS.....	31
ONÉSIMO, O ESCRAVO	31
CONTROVÉRSIA	32
CONCLUSÃO	32

CARTA AOS FILIPENSES

INTRODUÇÃO

A igreja de Filipos foi a primeira a ser estabelecida por Paulo na Europa (At. 16). Essa pequena cidade foi fundada pelo rei Felipe II da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. A fama da cidade se deve à batalha travada nas suas proximidades entre as tropas de Brutus e Cássio contra Antonio e Otávio (mais tarde chamado César Augusto) em 42 a.C. Filipos era uma porta de entrada na Europa para os visitantes provenientes da Ásia. Localizava-se no leste da antiga província da Macedônia, a 13 km do Mar Egeu, no topo de uma colina. No tempo de Paulo Filipos era uma colônia romana onde havia um posto militar e detinha alguns outros privilégios especiais.

A Carta de Paulo aos Filipenses faz parte do grupo das *epístolas da prisão* (junto com Efésios, Colossenses e Filemom). O apóstolo estava preso quando as escreveu, mas é pouco provável que todas tiveram origem no mesmo período e local. Além dos dois conhecidos aprisionamentos de Paulo, um em Cesareia, durante o período de governo de Félix e de Festo (Atos 23—26), e outro em Roma, enquanto Paulo esperava para ser julgado perante César (Atos 28), ele menciona “frequentes aprisionamentos” em IICo. 11.23. A posição tradicional atribui todas as chamadas epístolas da prisão ao período do aprisionamento em Roma, mas há possibilidade inclusive de Paulo ter sido preso em Éfeso, e estudos recentes mostram que há sinais de que a Carta aos Filipenses foi escrita nessa cidade.

AUTORIA E CANONICIDADE

Paulo se identifica como autor da carta junto com Timóteo (1.1) e o estilo é paulino. Esta é uma das cartas sobre cuja autoria e canonicidade houve poucas dúvidas. Clemente, Inácio, Policarpo e o Cânon de Marcião são as referências antigas que confirmam a autoria paulina, e consequentemente a aceitação no cânon.

AUTORIA DO HINO (OU POEMA) DA *KENOSIS*

Uma questão secundária sobre a autoria diz respeito à inclusão de um hino (ou poema) em 2.5-11. Esta é uma das mais importantes passagens doutrinárias do Novo Testamento, onde Paulo apresenta a doutrina da *kenosis* (o autoesvaziamento de Cristo). Algumas palavras nesse texto são incomuns e o estilo rítmico não são encontrados em nenhum outro escrito de Paulo, porém são característicos da poesia religiosa hebraica. Tanto o vocabulário quanto o ritmo se encaixam no conceito do texto ser uma tradução grega de uma composição hebraica ou aramaica. Deve ser lembrado que a língua materna de Paulo era o aramaico (At. 22.2; IICo. 11.22), de modo que isso não é obstáculo à sua autoria.

A afirmação que esse trecho traz a teologia do Servo, que não é costume de Paulo, é compensada pelo fato dele conter uma referência bem paulina à “morte de cruz” (v.8) e essa é uma expressão paulina característica, reconhecida até mesmo por aqueles que interpretam o poema como uma inserção nesta carta de um texto pré-paulino.

Embora, sem dúvida alguma, esse trecho poético seja curto demais para permitir uma análise conclusiva sobre sua autoria, devemos aceitá-lo como paulino porque (1) ele se encontra numa carta sem dúvida alguma da autoria de Paulo; (2) não existe nenhum motivo convincente para rejeitar Paulo como autor ou atribuir o poema (ou hino) a outra pessoa.

TEMA E PROPÓSITOS

Parece que a igreja de Filipos era a favorita de Paulo. Ele recebia apoio financeiro regular da parte dela (Fp. 4.15ss; II Co. 11.8ss), e lhes escreveu uma carta que é a mais pessoal de qualquer outra enviada para uma igreja local. Na verdade, é uma nota de agradecimento por mais uma oferta que aqueles crentes tinham enviado ao apóstolo (4.10-14) através de Epafrodito (2.25). Durante a viagem, ou depois de sua chegada com a oferta, Epafrodito ficou seriamente doente (2.27). Os crentes de Filipos ouviram falar de sua enfermidade, e Epafrodito recebeu um recado que aqueles irmãos muito se preocupavam com ele. Paulo sentiu que Epafrodito desejava retornar a Filipos, e por isso o mandou de volta como portador desta epístola logo após a sua recuperação (2.25-30).

O regresso de Epafrodito a Filipos não somente possibilitou que Paulo expressasse sua gratidão pela ajuda financeira recebida, mas também lhe deu a oportunidade para: (1) adverti-los contra a tendência para desunião que se manifestara na igreja de Filipos (2.2 e 4.2), (2) adverti-los a respeito dos judaizantes (cap. 3), e (3) preparar aqueles crentes para as visitas futuras de Timóteo, e talvez do próprio Paulo (2.19-24).

POSSÍVEIS LOCAIS DA ESCRITA

A PRISÃO EM CESAREIA

Paulo era prisioneiro quando escreveu a epístola (“*minhas algemas*” – 1.7 e “*minhas cadeias*” – 1.13). Porém, a qual de seus períodos de aprisionamento Paulo se refere? Provavelmente não àquele de Cesareia, porque ali Paulo não podia pregar publicamente, como está implícito em 1.12-13 (comparar com At. 24.23). Além disso, Paulo teria reconhecido que se fosse solto em Cesareia acabaria sendo linchado pelos judeus, e sua única possibilidade de segurança seria apelar para César, e assim partir para Roma sob custódia. No entanto, lê-se em Filipenses 1.2-26; 2.24 e Fm. 22 que Paulo esperava ser solto em breve. Esses argumentos praticamente excluem Cesareia como lugar da escrita.

A PRISÃO EM ROMA

A tradição antiga aponta para Roma como o lugar da escrita desta carta. Em apoio a isso são apresentadas as declarações a “*guarda pretoriana*” (1.13) e a “*casa de César*” (4.22).

Existe ainda o argumento que a vida de Paulo correu perigo durante o julgamento (Fp. 1.19ss). Por conseguinte, tal julgamento deve ter ocorrido na presença de César, em Roma, porquanto em qualquer outro lugar Paulo poderia sempre apelar para César, como era seu direito. Entretanto estudiosos modernos têm levantado duas objeções contra Roma: (1) As viagens mencionadas ou implícitas na carta: considerando a distância entre Roma e Filipos de 1300km, cada viagem de ida e volta teria uma duração de 3 a 4 meses, alguns estudiosos falam em até 6 meses. Já uma viagem entre Éfeso e Filipos tinha duração em torno de um mês; (2) Paulo pretendia ir a Filipos caso fosse solto e não à Espanha (Rm. 15.23-28).

A PRISÃO EM ÉFESO

Éfeso representa melhores probabilidades como local da escrita por uma série de razões:

1- Paulo escreveu que esperava enviar Timóteo a Filipos (2.19,23) e Lucas escreveu que Paulo enviou Timóteo e Erasto a Filipos de Éfeso (At. 19.22). Todavia existe a objeção que Paulo omite Erasto em Filipenses 2.19ss.

2- Há inscrições que testificam o fato que um destacamento da Guarda Pretoriana estacionou em Éfeso por algum tempo. Paulo menciona a “*guarda pretoriana*” em 1.13. Por semelhante modo “*os da casa de César*” (4.22) são palavras que poderiam aludir aos servos civis imperiais que se encontravam em Éfeso.

3- Em consonância com o livro de Atos, Lucas acompanhou Paulo a Roma, mas não esteve em sua companhia em Éfeso. O fato de Paulo não mencionar Lucas em Filipenses, como faz em Colossenses 4.14 e Filemom 24, seria mais um argumento a favor de Éfeso.

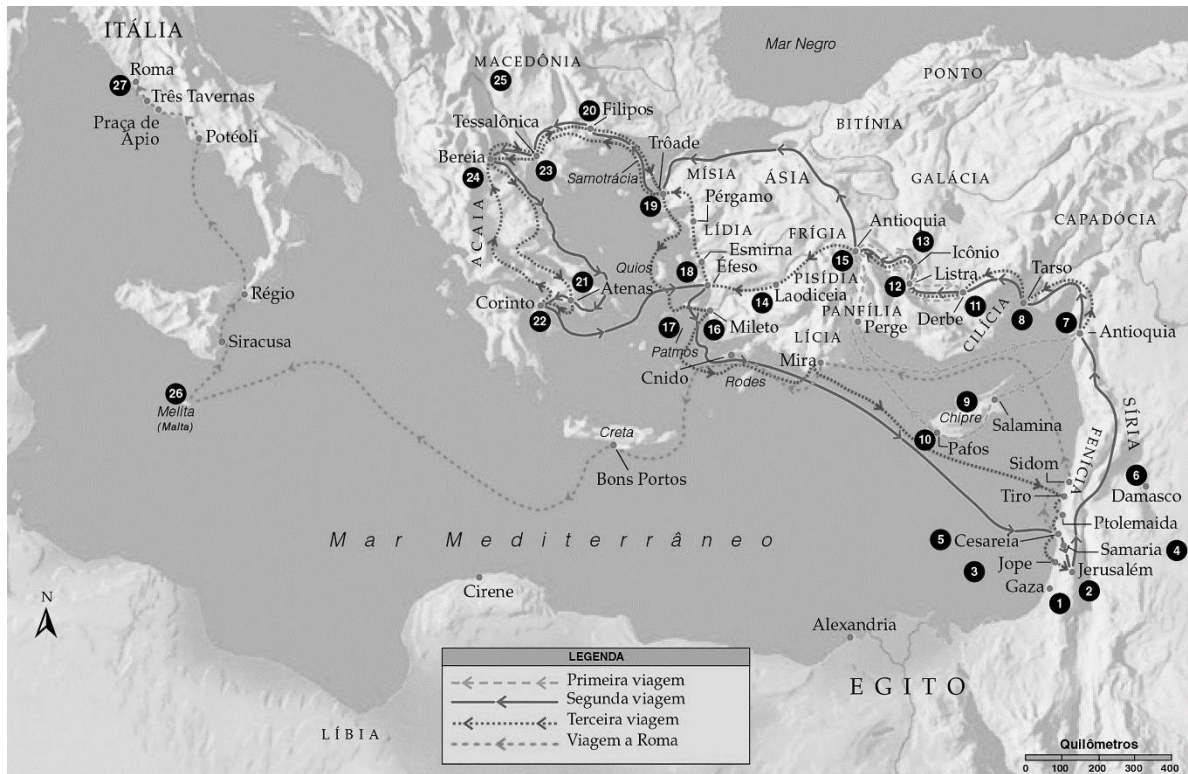
4- Se Paulo tivesse escrito a Carta aos Filipenses Roma, dificilmente ele poderia ter dito aos seus leitores que “faltava oportunidade” para enviar-lhe assistência financeira (4.10). Pelo tempo que o apóstolo ficou preso em Roma, mais de dois anos, eles tiveram muitas oportunidades, mas uma anterior detenção em Éfeso caberia nessa afirmativa.

5- Outro argumento forte a favor de um aprisionamento em Éfeso, em contraposição a Roma, são as viagens mencionadas a partir de Filipos, que ficava distante de Roma 1.300km. Uma viagem entre essas cidades podia levar de 2 a 6 meses. Já a distância muito menor entre Éfeso e Filipos torna muito mais possível as viagens entre as duas cidades, dentro de um breve período de tempo. As viagens pressupostas na Carta aos Filipenses são as seguintes:

- a) A mensagem levada do local da prisão para Filipos, informando que Paulo fora preso;
- b) O envio da ajuda financeira de Filipos para Paulo (na prisão) através de Epafrodito;
- c) As notícias da grave enfermidade de Epafrodito levadas do local da prisão para Filipos;
- d) A resposta dos filipenses sobre as notícias da enfermidade de Epafrodito (de Filipos para o local da prisão).

6- Paulo escreveu a epístola aos Filipenses quase no fim do período de seu aprisionamento, pois declarou que esperava receber a liberdade em breve (1.19-26) e que visitaria os filipenses (2.23-24). Na carta aos Romanos o apóstolo diz que sua intenção era ir à Espanha quando fosse solto (Rm. 15.23-28).

Militando contra a ideia de um aprisionamento em Éfeso há a consideração que Paulo não menciona a coleta para os crentes de Jerusalém, o que sem dúvida teria feito se porventura tivesse escrito durante aquele período em Éfeso. Não podemos esquecer que um período de aprisionamento de Paulo em Éfeso é algo inteiramente conjectural, não tendo sido mencionado no livro de Atos, a despeito de Lucas ter entrado em grandes detalhes no tocante ao ministério de Paulo em Éfeso (At. 19).



Filipos → Éfeso 18-20

Filipos → Roma 20-27 (caminho pelo Mar Mediterrâneo)

ALEGRIA NA ADVERSIDADE

Há uma nota de agradecimento informal e emocionada, expressando grande júbilo nesta carta. No primeiro capítulo, após a saudação habitual, as ações de graças e uma oração, Paulo descreve o ministério que continua desenvolvendo, apesar de seu aprisionamento, e até mesmo por causa dele. A guarda palaciana, e os oficiais romanos de modo geral, estavam ouvindo o evangelho. Outrossim, a coragem demonstrada no testemunho dado por Paulo inspirava outros cristãos, incluindo aqueles que não gostavam do apóstolo. Estes últimos, todavia, não eram mestres falsos, pois o apóstolo os chama “irmãos” (1.14-15).

O HINO DA “KENOSIS”

O capítulo 2 é famoso por causa da passagem sobre o autoesvaziamento de Jesus (*kenosis*), Sua humilhação e posterior exaltação (2.6-11). Tal ensinamento faz parte da exortação a respeito da unidade eclesial mediante a humildade, da qual Jesus é o maior exemplo. O mundo antigo desprezava a humildade, porém a doutrina cristã a exaltava como uma virtude. Esta passagem também é o exemplo mais antigo da divisão da vida de Cristo em pré-existência, vida na terra e exaltação nos céus. De conformidade com a doutrina da *kenosis*, Ele se esvaziou de Seus atributos divinos metafísicos (mas não dos morais), como, por exemplo, a onipotência, a onisciência e a onipresença. Entretanto, visto que com frequência Jesus exibiu esses atributos, conforme vemos nas narrativas dos evangelhos sobre o Seu ministério, um melhor entendimento é que Jesus se esvaziou exclusivamente do exercício independente daqueles atributos (comparar com João 5.19), ou simplesmente, da glória externa de Sua deidade.

CONTRA OS JUDAIZANTES

As palavras “*quanto ao mais, irmãos meus*” (Fp. 3.1), soam muito como a porção de encerramento de uma epístola, entretanto seguem-se mais dois capítulos. Paulo altera tão subitamente o seu tom, que alguns eruditos têm postulado aqui uma longa interpolação, a começar por Filipenses 3.2, extraída de alguma outra epístola. Todavia, a tal opinião faltam evidências comprobatórias nos manuscritos. Melhor é supormos ter havido uma interrupção no ditado, talvez devido a notícias frescas chegadas de Filipos, acerca da ameaça representada por falsos mestres que tinham começado a atuar ali. Paulo tinha terminado a carta, mas então sentiu ser importante prolongar a epístola a fim de incluir avisos a respeito dos judaizantes.

Eles se faziam contrários à cruz de Cristo ao requererem as obras da lei. Adoravam seu próprio ventre ao insistirem ser necessária a adesão às restrições dietéticas mosaicas, orgulhando-se de sua vergonha ao se despirem para receber o rito de circuncisão, e que fixavam a mente nas coisas terrenas ao se ocuparem de formalidades externas e cerimônias (3.17-19). O terceiro capítulo termina com uma alusão à “comunidade” ou “cidadania” cristã nos céus, uma figura de linguagem que se revestia de significação toda especial para os filipenses, cuja cidade era uma colônia povoada principalmente por cidadãos romanos que viviam distantes de sua própria pátria, a Itália.

AUTOBIOGRAFIA DE PAULO

O terceiro capítulo contém uma outra passagem famosa. Trata-se da nota autobiográfica na qual Paulo repassa o seu passado no Judaísmo e a revolução que ocorreu em sua escala de valores, quando Cristo se tornou o grande alvo da sua vida (3.3-14). Não obstante, uma vez mais o ensino constante nessa passagem é incidental — dessa vez é parte de uma advertência acerca dos judaizantes, os quais, conforme a sarcástica afirmativa de Paulo, praticavam a “mutilação” (ou mesmo “emasculação”), ao invés da circuncisão (3.2). Paulo também intitula os tais de “cães” (criaturas irracionais desprezíveis), termo pelo qual os judeus regularmente se referiam aos gentios. Uma outra designação é “maus obreiros”, um contra-ataque irônico contra a crença que os tais tinham de que a salvação vem por meio das boas obras. A verdadeira circuncisão, no entanto, consiste da fé pessoal Jesus Cristo, independentemente de qualquer mérito pessoal.

A formação religiosa de Paulo no Judaísmo fora impecável: (1) fora circuncidado ao oitavo dia, exatamente conforme prescrito pela legislação mosaica (Lv. 12.3); (2) seus antepassados eram israelitas; (3) era originário da tribo de Benjamim, do qual saíra o primeiro rei de Israel, Saul (o qual, com pouca variedade em português, também era o nome de Paulo); (4) era um hebreu não helênico, de conformidade com a prática e a cultura herdada; (5) pertencera ao grupo dos fariseus; (6) fora tão zeloso pela sua religião que chegara a perseguir a Igreja; (7) mostrara-se impecável na observância formal da lei.

No entanto, a entrada de Jesus Cristo em sua vida levou Paulo não meramente a desprezar, mas também a renunciar a todas as vantagens de seu Judaísmo prévio, como se fossem desvantagens. E ele continuou a crescer nessa atitude, chegando a considerá-las mero “refugo” (3.8), a fim de que pudesse experimentar uma crescente experiência de união com Cristo, nos sofrimentos na morte e na ressurreição do Senhor.

Percebendo que seus leitores poderiam entender essas coisas de forma errada, como se ele estivesse reivindicando para si mesmo a perfeição, Paulo desmente essa interpretação dizendo que esquecia do passado e prosseguia em direção ao alvo celeste (3.12-16). “Esquecendo-me” não significa banir da memória (se isso fosse possível), mas desconsiderar algo como destituído de qualquer valor no presente.

EXORTAÇÕES

As diversas exortações que encontramos no capítulo 4 incluem um apelo em defesa da união entre duas mulheres membros da igreja local, Evódia e Síntique, que anteriormente haviam sido ajudadoras de Paulo. O irmão a quem competia ajudá-las nessa reconciliação era um “fiel companheiro de jugo”, cujo nome nos é desconhecido, a menos que nessas palavras esteja oculto seu nome com um jogo de palavras, a saber “*Sízigos*” forma grega para “companheiro de jugo” ou “camarada”. Seja como for, Paulo roga que ele vivesse à altura do significado de seu nome ou descrição, promovendo a reconciliação entre aquelas duas irmãs em Cristo. Seguem-se exortações atinentes à alegria, à paciência, à confiança, à oração, às ações de graças e à nobreza de pensamentos — juntamente com promessas da presença divina, da paz e do retorno de Jesus.

Finalizando, Paulo expressa sua gratidão pelo presente que recentemente lhe fora enviado pela igreja de Filipos, como também pelas contribuições anteriores. Paulo conserva uma atitude indiferente para com as questões monetárias propriamente ditas, ou no tocante a seus benefícios pessoais, mas indica seu interesse e confiança no que dizia respeito aos galardões que os crentes filipenses haveriam de receber, por lhe terem feito ofertas tão generosas. Finalmente, saudações e uma bênção concluem a carta.

CONCLUSÃO

Filipenses, comparada às demais cartas de Paulo, é uma raridade: é uma carta escrita para uma igreja que o próprio Paulo fundou e com a qual ele está muito satisfeito. Ela revela a alegria do apóstolo ao constatar como seus convertidos haviam progredido na fé. Como nas demais, ele se opõe aos ensinamentos falsos, mas este não é seu principal objetivo. Ele faz alguns comentários sobre seus opositores, mas na maior parte do texto se ocupa de assuntos mais agradáveis.

No hino ou poesia (2.6-11) inserido no meio da dissertação, Paulo traz uma mensagem clara sobre a grandeza de Cristo, e o fato de Ele ter aceitado ocupar um lugar humilde a fim de trazer a salvação. A importância da pregação do evangelho deve estar acima de quaisquer diferenças pessoais e o valor de todos trabalharem juntos pela causa de Cristo – a “cooperação no evangelho” (1.5) – são ressaltados pelo apóstolo.

Resta claro que havia um relacionamento mútuo de solicitude e carinho entre Paulo e os filipenses. Nenhuma outra igreja o ajudou, mas estes mandaram alguém da própria igreja para cuidar do apóstolo quando estava em dificuldades, enviaram presentes e obedeciam suas orientações.

Paulo chama atenção para a maneira como o evangelho progredia por intermédio dos sofrimentos que ele próprio experimentava (1.14-18) e considera os sofrimentos dos filipenses,

à medida em que experimentavam as mesmas lutas que o apóstolo, como uma dádiva de Deus para eles (1.29-30).

No final da carta ele registra a majestosa certeza que “*o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades*” (4.19).

CARTA AOS COLOSSENSES

INTRODUÇÃO

Quando se olha para as sete cartas chamadas “epístolas da prisão” – Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemom, I e II Timóteo e Tito – especialmente observando-se os companheiros de Paulo, além de algumas circunstâncias que prevalecem no contexto geral, é quase certo que nem todas elas foram escritas na mesma cidade e na mesma época. Entretanto, Colossenses, Efésios e Filemom formam uma unidade distinta.

A Carta aos Colossenses está diretamente ligada a Filemom e Efésios, não havendo dúvidas que foram escritas na mesma oportunidade e no mesmo lugar. Relação com Filemom: ambas mencionam Timóteo, Aristarco, Marcos, Epafra, Lucas, Demas, Arquipo e Onésimo (compare Cl. 1.1 com Fm.1; Cl. 4.10-14 com Fm. 23-24; Cl. 4.17 com Fm. 2; Cl. 4.9 com Fm. 10ss.). Relação com Efésios: Compare Cl. 4.7-8 com Ef. 6.21-22; Cl. 4.18 com Ef. 4.1.

A duplicação de tantos nomes sem dúvida indica que Paulo escreveu e enviou estas cartas ao mesmo tempo e do mesmo lugar. Os argumentos dos estudiosos modernos, sobre a cidade e o período de aprisionamento onde Paulo escreveu, estão explanados nos capítulos referentes a Filipenses, às Cartas Pastorais e Filemom nesta apostila.

TEMA

Em sua Carta aos Colossenses, Paulo enfoca a pessoa divina e a obra criadora e redidora de Cristo, em oposição à desvalorização de Cristo, que vinha sendo feito por certas heresias disseminadas na igreja de Colossos. Em seguida Paulo expõe as implicações práticas dessa exaltada cristologia na vida e na conduta diárias dos crentes.

LOCAL DA ESCRITA EM ÉFESO

Os dois argumentos contrários à escrita numa prisão em Éfeso são frágeis e podem ser entendidos apenas como opinião de alguns estudiosos.

O primeiro deles é que o escravo Onésimo estaria apenas a 160km distante de sua cidade (Colossos), e isso seria improvável, pois poderia ser facilmente recapturado se ficasse em local tão próximo de casa. Seria mais lógico que Onésimo fugisse para Roma, onde poderia melhor ocultar-se em meio à multidão de habitantes da capital. Porém há pelos menos dois contrapontos a isso: (1) Deve ser considerada a hipótese que Onésimo foi fazer uma viagem a mando do seu senhor e não voltou, conforme explanado nesta apostila no capítulo referente à Carta a Filemom; (2) Seria natural Onésimo fugir (se realmente fugiu) para a cidade grande mais próxima de onde estava (Colossos, a 160km) se ocultando na multidão, não se arriscando numa viagem tão longa (Roma distava 1300 km) pois o risco de ser capturado era bem maior.

O segundo argumento tem a ver com o Livro de Atos. Lucas achava-se em companhia de Paulo, quando ele escreveu Colossenses e Filemom, mas a descrição do ministério de Paulo em Éfeso não faz parte de uma das seções “nós” do livro de Atos. Entretanto há evidências em diversos escritos paulinos de que Lucas não fez um relato completo da vida de Paulo e várias informações foram deixadas de lado. Por exemplo, Lucas em nenhum momento menciona Tito, companheiro de viagem e colaborador de Paulo citado em diversas epístolas.

A favor de Éfeso também é lembrado que Epafras, o pastor da igreja de Colossos, quando se viu diante de uma heresia crescente, que causava confusão na igreja, pode ir rapidamente encontrar-se com Paulo para buscar seus conselhos, e uma viagem tão longa até Roma não parece ser viável em meio a esse contexto.

LOCAL DA ESCRITA EM CESAREIA

Muito menos provável é que a Carta aos Colossenses tenha sido escrita durante o aprisionamento de Paulo em Cesareia, igualmente uma cidade menor e menos provável que Roma como local para onde um escravo fugiria. Além disso, dificilmente Onésimo poderia entrar em contato com Paulo em Cesareia, porque somente os amigos de Paulo receberam permissão para entrevistar-se com ele (At. 24.23). Outrossim, a expectativa que Paulo tinha de ser solto em breve, pedindo a Filemom que lhe preparasse hospedagem (Fm. 22), não combina com um aprisionamento em Cesareia, onde Paulo sabia que sua única esperança consistia em apelar ao tribunal César.

LOCAL DA ESCRITA EM ROMA

Esse é o entendimento tradicional mais aceito até pouco tempo, que favorece o aprisionamento em Roma, baseado em dois argumentos: (1) histórico, que diz respeito a Onésimo ter fugido para Roma, a cidade mais populosa do império, para poder ocultar-se; (2) teológico, pois, como se vê em Atos, há uma diferença na ênfase doutrinária da Carta aos Colossenses, onde Paulo não estava preocupado com a controvérsia judaizante, em comparação com Gálatas, Romanos e Coríntios, nas quais ele ressaltou fortemente a libertação do Cristianismo da legislação mosaica. Isso sugere para a escrita de Colossenses um período bem posterior, como o primeiro aprisionamento em Roma, quando a controvérsia judaizante já não era objeto de suas preocupações.

A FUNDAÇÃO DA IGREJA DE COLOSSOS

A cidade de Colossos ficava no Vale do Rio Lico, num distrito montanhoso cerca de 160km de Éfeso. As cidades vizinhas de Laodiceia e Hierápolis ultrapassavam Colossos em importância. A maneira distante com que Paulo diz que “ouvira” a respeito da fé cristã de seus leitores (v. 1.4), e a inclusão desses leitores entre aqueles que nunca o tinham visto face a face (v. 2.1) subentendem que Paulo não fundara essa igreja nem a tinha visitado ainda. Visto que os crentes colossenses tinham aprendido a graça de Deus por intermédio de Epafras (v. 1.6-7), este último deve ter sido fundador daquela igreja. Não obstante, Epafras estava em companhia de Paulo quando o apóstolo escreveu esta carta (v. 4.12-13). Podemos concluir disso que Epafras se tornara cristão através do ministério de Paulo em Éfeso, passou a evangelizar a

região vizinha de Colossos, Laodiceia e Hierápolis, e visitou Paulo na prisão, a fim de solicitar seus conselhos sobre a perigosa heresia que ameaçava tragar a igreja de Colossos. Evidentemente Arquipo ficou encarregado da igreja durante a viagem de Epafras (v. 4.17), o que explica por qual razão Paulo tinha autoridade sobre a igreja de Colossos sem nunca ter estado lá. Ele era o “avô” daquela igreja, através de seu convertido Epafras.

UMA IGREJA GENTÍLICA

Os crentes de Colossos eram predominantemente gentios. Paulo os classifica entre os incircuncisos (v. 2.13). Em Cl. 1.27 as palavras “*entre os gentios*” e “*em vós*” parecem expressar pensamentos paralelos e equivalentes. E a descrição dos colossenses como quem outrora foram “*estranhos e inimigos no entendimento*” (v. 1.21) faz lembrar de fraseologia similar de Ef. 2.11ss, onde Paulo indubitavelmente se reporta a gentios.

A HERESIA COLOSSENSE

A epístola aos Colossenses gira em torno da chamada “heresia colossense”. Podemos inferir certas características daquela falsa doutrina, com base no contra-ataque de Paulo. De fato, Paulo toma por empréstimo palavras e expressões utilizadas pelos falsos mestres, como “conhecimento” e “plenitude”, fazendo-as voltar-se contra a heresia ao preenchê-las com um conteúdo cristão ortodoxo. Essa heresia:

- detratava a pessoa de Cristo, razão pela qual o apóstolo frisa sua proeminência (v. 1.15-19);
- dava ênfase à filosofia humana, fazendo especulações vazias à parte da revelação divina (v. 2.8);
- continha elementos próprios do Judaísmo, como a circuncisão (v. 2.11 e 3.11), as tradições rabínicas (v. 2.8), regulamentos sobre alimentos e a observância do sábado e das festividades religiosas (v. 2.16);
- incluía a adoração aos anjos como intermediários entre os homens, a fim de que o Deus altíssimo (puro Espírito) fosse conservado incontaminado do contato com o universo físico (v. 2.18), uma característica tipicamente gnóstica, pois apesar dos judeus terem desenvolvido uma hierarquia angelical, eles não os adoravam e nem consideravam má a natureza física do universo; e alardeavam um ar exclusivista de segredo e superioridade, contra o que Paulo ressaltou a natureza toda inclusiva e pública do evangelho (v. 1.20,23, 28 e 3.11).

A heresia colossense, por conseguinte, era uma mistura do legalismo judaico, das especulações filosóficas dos gregos e do misticismo oriental. É possível que a localização de Colossos, na importante via comercial que ligava o Oriente ao Ocidente, tenha contribuído para o caráter misto da doutrina espúria em pauta. A maior parte de suas características aparece no posterior gnosticismo plenamente desenvolvido, bem como nas religiões misteriosas gregas e orientais. Todavia, o gnosticismo e as religiões misteriosas eram antijudaicas ou inteiramente desvinculadas do Judaísmo. A heresia de Colossos representou a tentativa de invasão do Cristianismo por parte de um judaísmo gnóstico sincretista.

DOCTRINA CRISTOLÓGICA

A epístola aos Colossenses conta com duas seções: (1) a seção doutrinária (cap. 1 e 2), e a seção de exortações (cap. 3 e 4). Após a saudação, ações de graças e oração, e então dá início à grande discussão cristológica.

As declarações elogiosas de Paulo acerca de Cristo mencionam:

— Seu reino (v. 1.13);

— Sua obra remidora (v. 1.14);

— O fato dele ser Deus em forma humana (v. 1.15);

— Sua supremacia sobre a criação, como seu Senhor e Herdeiro. Porquanto os filhos primogênitos recebiam o dobro da herança dos outros filhos, o termo “primogênito” indicava prioridade e supremacia, pelo que “primogênito da criação” (v. 1.15) não deve ser entendido como Jesus ter sido Jesus o primeiro ser criado);

— Sua posição de criador (v. 1.16),

— Sua preexistência e coesão do universo (v. 1.17).

— Sua preeminência sobre a nova criação, a Igreja;

— Seu primado por haver ressuscitado dentre os mortos para nunca mais morrer (v.1.18).

Alguns eruditos tomam os versículos 15-20 como uma citação de um antigo hino de louvor a Cristo. A “plenitude de Deus”, que em Cristo habita, é a totalidade da natureza divina. Quando Paulo assevera que seus próprios sofrimentos completavam “o que resta das aflições de Cristo” (v. 1.14), não quis dizer que Jesus não conseguiu consumir a obra da redenção. Seu intuito foi demonstrar que os sofrimentos que passamos para propagar o evangelho também são necessários se os homens tiverem de ser alvos, e também que Cristo continua a sofrer em companhia de Suas testemunhas perseguidas por sua união e solidariedade com Ele. O termo “mistério” (em “glória deste mistério... Cristo em vós” v. 1.27) alude à verdade espiritual oculta dos incrédulos, mas revelada aos crentes.

Em sua polêmica contra a heresia colossense (v. 2.8-33), Paulo esclarece acusadoramente que aquele falso ensino obscurecia a preeminência de Cristo, que as suas observâncias rituais, extraídas do judaísmo, serviam somente para prefigurar as realidades espirituais em Cristo, e que seu ascetismo e adoração a anjos fomentavam o orgulho humano e diminuía a glória de Cristo.

EXORTAÇÃO

A união do crente com Cristo em Sua morte, ressurreição e ascensão, forma o alicerce das exortações práticas existentes na epístola. Aos cristãos convém adquirirem a perspectiva divina, reputando-se mortos para o pecado, em Cristo, e vivos para a justiça, também em Cristo. Os “citas” (v. 3.11) eram considerados bárbaros especialmente indomáveis, Porquanto o sal retarda a corrupção dos alimentos, a linguagem “temperada com sal” (v. 4.6) provavelmente indica a linguagem impoluta e sem obscenidades.

CONCLUSÃO

Os falsos mestres colocaram uma barreira entre Deus e o seu povo, ensinando que espíritos elementares (*eons*) não permitiam o acesso a Deus, que só pode ser obtido através de atos meritórios, tais como o asceticismo.

Paulo então ressalta a supremacia de Cristo, que é “*a imagem do Deus invisível*” que deu origem à criação e a sustenta em posição de absoluta proeminência. Junto com isso, ele é “*a cabeça do corpo, a igreja*”, e fez a paz com Deus através do sangue que derramou na cruz. A

cruz desarma todos os poderes que se opõem ao propósito divino (v. 2.15), e isso continua sendo um aspecto importante da fé cristã.

Os grandes temas da excepcional excelência de Cristo, e da salvação completa que ele operou ao morrer por seu povo na cruz, permeiam esta carta. Em nenhuma outra parte eles são expressos dessa forma, por isso Colossenses diz algo diferente sobre a maravilha do amor de Deus em Cristo e a magnificência da salvação que ele operou em nosso favor.

Isso não significa que Colossenses fala de um Deus diferente, ou de um Cristo diferente, ou de uma salvação diferente. Esta carta é essencialmente paulina e fala do mesmo Deus, do mesmo Salvador e da mesma salvação que vemos em toda a obra paulina. O que é diferente em Colossenses é o uso de novas expressões, tais como ser resgatado do “*domínio das trevas*” e ser levado para “*o reino do seu Filho amado*” (v. 1.3). Há uma maneira inusitada de entender a expiação, quando Paulo diz que Deus perdoou nossos pecados “*tendo cancelado o escrito da dívida que era contra nós, e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente cravando-o na cruz*”. Assim, a suficiência de Cristo é exposta de uma forma nova.

CARTAS DE PAULO AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

I e II Tessalonicenses (50-51 d.C.) estão no grupo das primeiras cartas escritas por Paulo, junto com a Carta aos Gálatas (49 d.C.). A autoria e a autoridade apostólica das cartas aos tessalonicenses nunca foi objeto de controvérsias significativas, o que resultou na sua inclusão no primeiro cânon primitivo (primeira metade do século II). Clemente de Roma, Inácio, Justino, Policarpo, Irineu, o Cânon Muratoriano e o Cânon de Marcião são outras referências antigas indicativas da ampla aceitação destas epístolas na igreja primitiva.

I CARTA AOS TESSALONICENSES

TEMA

As cartas de Paulo à igreja de Tessalônica são famosas pelo ensino sobre a Segunda Vinda de Jesus e os eventos a ela associados. Estas duas epístolas, o discurso de Jesus no Monte das Oliveiras e o Apocalipse de João formam as três principais porções proféticas do Novo Testamento. I Tessalonicenses apresenta dois temas importantes: (1) as congratulações aos crentes tessalonicenses por sua conversão e progresso na fé cristã, e (2) exortações a um maior crescimento na vida cristã, com ênfase particular no consolo pela expectativa da *parousia*.

CONTEXTO HISTÓRICO

Tessalônica, capital da Macedônia, ficava na Via Egnácia, a estrada principal que ligava Roma ao Oriente. A cidade contava com seu próprio governo e também tinha uma colônia judaica. Paulo evangelizou esta cidade na sua segunda viagem missionária (At. 17.1-14), acompanhado por Timóteo e Silas, e como resultado alguns judeus, muitos gregos e mulheres de alta posição social tinham abraçado a fé cristã. Quando Paulo diz: “*deixando os ídolos, vos convertestes a Deus*” (ITs. 1.9), dá a entender que a maioria dos crentes dali eram gentios, porque os judeus daquela época não eram idólatras (o exílio assírio-babilônico curou os judeus da idolatria).

Os judeus incrédulos de Tessalônica se opuseram raivosamente contra o evangelho, assaltando a casa de Jasom, onde Paulo se hospedara. Posteriormente viajaram até à cidade de Bereia, tentando igualmente expulsar Paulo daquela cidade.

De acordo com Atos 17.2, Paulo passou três sábados pregando na sinagoga de Tessalônica. A narrativa lucana parece dar a entender que a turbulência que forçou a partida do apóstolo ocorreu imediatamente depois de sua ministração na sinagoga, e Atos 17.10 indica que os cristãos enviaram Paulo para fora da cidade, assim que a agitação se acalmou. Não obstante, alguns estudiosos pensam que há um hiato entre o ministério paulino na sinagoga e o levante contra o apóstolo, porquanto Paulo menciona que precisou trabalhar para sustentar-se em Tessalônica (ITs. 2.7-11), além de ter recebido uma ou duas doações vindas de Filipos, durante sua permanência naquela cidade (Fp. 4.16). Porém, é possível que Paulo tenha começado a trabalhar assim que chegou a Tessalônica, e continuou trabalhando por três ou quatro semanas.

Um outro argumento que apoia uma mais longa permanência de Paulo em Tessalônica é que as duas cartas contêm muitos ensinamentos doutrinários, que ele precisaria de mais tempo para ministrar. Entretanto, o mais provável é que o apóstolo tivesse por hábito ensinar intensivamente, durante os dias da semana, além das reuniões aos sábados na sinagoga. E Timóteo, que ficou por mais tempo em Tessalônica, e parece ter partido dali e retornado à cidade por mais um período, pode ter aprofundado os ensinamentos de Paulo sobre a doutrina cristã. Portanto, há um entendimento geral que o tempo provável que Paulo permaneceu em Tessalônica foi de cerca de um mês.

O MOTIVO DA CARTA

Timóteo encontrou-se com Paulo em Atenas, foi mandado de volta a Tessalônica, e mais tarde se reuniu ao apóstolo em Corinto. O relato de Timóteo sobre os tessalonicenses foi a razão porque Paulo escreveu I Tessalonicenses (compare ITs. 3.1-2 com At. 18.5). Isso implica em que Paulo escreveu esta carta em Corinto, no decorrer de sua segunda viagem missionária, algumas semanas depois de haver evangelizado os destinatários da epístola.

CONTEÚDO

CONGRATULAÇÕES

Na primeira parte da carta Paulo cumprimenta os crentes de Tessalônica, por sua conversão e progresso na vida cristã (cap. 1-3). A fidelidade que demonstraram, mesmo em

meio à perseguição, era um excelente exemplo para os demais cristãos na Macedônia e na Grécia (Acaia). O relatório de Timóteo a respeito deles fora muito favorável (2.17–3.9).

Como de praxe, Paulo combinou a típica saudação grega, na forma cristã modificada “graça”, com a típica saudação semita “paz” (1.1). A forma da palavra “graça”, usada por não cristãos, era um simples cumprimento (olá), mas Paulo modificou o vocábulo para assumir a expressão do favor divino outorgado a todos os pecadores desmerecidos, por intermédio de Jesus Cristo. “Paz” significa mais do que a ausência de guerra, pois também envolve a conotação positiva de prosperidade e bênção. Uma bem conhecida tríada de virtudes figura em 1.3: fé, amor e esperança. A fé produz as boas obras. O amor resulta em labor, ou seja, leva à prática de gentileza e misericórdia. E a esperança, uma palavra escatológica referente à expectativa confiante quanto à volta de Jesus, gera a constância debaixo das provações e das perseguições. No meio dessa seção, Paulo rememora detalhadamente seus leitores seu ministério entre eles, caracterizado pelo amor e pela abnegação.

EXORTAÇÕES

A segunda parte da carta (cap. 4-5) consiste de exortações: (1) contra a conduta imoral (4.1-8); (2) buscar um crescente amor mútuo (4.9-10); (3) consolo e vigilância tendo em vista a volta de Cristo (4.11-5.11) e (4) algumas questões práticas atinentes à conduta cristã (5.12-28).

Em I Tessalonicenses 4.1, Paulo, com grande habilidade, passa das congratulações para as exortações, animando os crentes a continuarem progredindo. Os mandamentos que há em 4.11-12, para que eles vivessem em tranqüilidade e continuassem trabalhando ativamente, servem de reprimenda contra aqueles que acreditavam tão fortemente no retorno imediato de Jesus, que estavam abandonando suas ocupações. O fato que Paulo advoga o trabalho manual contrasta com o típico ponto de vista dos gregos, que costumavam desprezar esse tipo de trabalho.

Arrebatamento é o vocábulo comumente usado para designar a retirada súbita dos crentes, quando da segunda vinda de Cristo, conforme a descrição paulina em ITs. 4.16-17. Mas há também a ideia da imortalização e glorificação dos corpos dos crentes que continuarem vivos na terra, ao tempo do retorno de Cristo. O fato que os corpos desses últimos não serão ressuscitados dentre os mortos, requer que essa transformação ocorra quando ainda estiverem em seus corpos vivos, mas mortais. Os cristãos tessalonicenses se entristeciam diante da morte física de outros crentes, aparentemente por não perceberem que seus companheiros de fé haveriam de compartilhar do júbilo que haverá quando da volta de Cristo. Talvez imaginassem que a morte física, antes da *parousia*, equivalesse a um castigo pelo pecado, ou até mesmo indicasse a perda da salvação da alma. Paulo reassegurou a seus leitores a verdade escatológica, explicando-lhes que os crentes haverão de ressuscitar imediatamente antes do arrebatamento, a fim de poderem ser levados juntamente com os outros que estiverem vivos.

ADVERTÊNCIA

No capítulo 5, Paulo passa do consolo para a advertência. Aos cristãos convém esperar, vigilantes, pelo do Senhor (a Segunda Vinda e os eventos que se seguirão) até que chegue o tempo certo, para não serem apanhados de surpresa. Não vigiar é o mesmo que colocar-se na

categoria dos descrentes, que serão apanhados inesperadamente. Por outro lado, o estado de prontidão para o Dia do Senhor é mais do que um estado de alerta mental. Consiste de uma maneira de viver íntegra e irrepreensível, como o apóstolo descreve (5.12-23), encerrando a carta.

II CARTA AOS TESSALONICENSES

MOTIVOS E TEMA

Paulo escreveu II Tessalonicenses em Corinto, durante sua segunda viagem missionária, pouco depois de haver escrito a primeira. Durante o intervalo entre as duas epístolas, o fanatismo tinha crescido na igreja cristã de Tessalônica. Tal fanatismo era originado na crença no retorno imediato do Senhor, e essa crença, por sua vez, resultava do desejo daqueles crentes de se verem livres da perseguição. Paulo, portanto, escreveu esta segunda epístola aos tessalonicenses a fim de aquietar o fanatismo deles e corrigir suas ideias escatológicas.

ENCORAJAMENTO

Após a saudação inicial (1.1-2), Paulo novamente agradece a Deus pelo progresso espiritual dos crentes de Tessalônica, bem como por sua constância paciente sob a perseguição, mas os elogios são bem mais breves do que se viu na primeira carta. Passando prontamente para o tema escatológico, Paulo descreve vividamente a Segunda Vinda, quando os perseguidores serão julgados e os perseguidos serão aliviados de seus sofrimentos. O propósito do apóstolo foi encorajar os tessalonicenses a perseverarem continuamente, mostrando que a situação haveria de ser revertida, quando Cristo retornasse ao mundo. Em 2.1ss., Paulo começa a abordar os pontos que aqueles crentes entendiam mal sobre a *parousia*, explicando-lhes que ela não seria imediata. Assim sendo, deveriam retornar às suas ocupações e negócios, porque esperar a volta de Cristo não significava cessar a vida diária normal, pois Ele poderia não retornar por um prolongado período de tempo.

CORREÇÃO

O aviso de Paulo, para que eles não se deixassem enganar por alguma profecia falsa, ou por alguma instrução oral ou escrita forjada em seu nome (2.1-2), sugere que os mentores da posição fanática que havia em Tessalônica se vangloriavam de contar com o apoio do apóstolo. A expressão “*o homem da iniquidade*” (2.3), alude ao anticristo, um líder mundial que se caracterizará pela iniquidade e pela perseguição nos dias finais de nossa era. Essa personagem maligna haverá de exigir adoração à sua própria pessoa, ostentando-se no templo de Deus. Em outras palavras, ele procurará obrigar o povo judeu a adorar sua imagem, a qual ele mandará erigir no templo (reconstruído) de Jerusalém (2.4-5 comparar com Mt. 24.15, Mc. 13.14 e Ap. 13). A sugestão de alguns estudiosos, que o conceito de anticristo emanou do mito que dizia que Nero haveria de retornar dentre os mortos, tropeça no fato que o conceito do anticristo é anterior à época de Nero, conforme se vê em outras obras literárias, além do que essa ideia nos

forçaria a rejeitar a autenticidade de II Tessalonicenses, a qual teria de ser datada após o martírio de Paulo e a morte de Nero. Também tem sido sugerido por alguns que Paulo tinha em mente a ordem baixada, mas não cumprida, pelo imperador Calígula em 40 d.C., no sentido que uma estátua sua fosse levantada e adorada no templo de Jerusalém. Talvez tenha sido assim, mas a profecia de Daniel concernente à abominação desoladora (Dn. 9.27; 11.31 e 12.11), a poluição do templo por parte de Antíoco Epifânio, em 168 A. C., e a alusão de Jesus a uma ainda futura abominação desoladora é que proveem as fontes primárias das declarações de Paulo a esse respeito.

O que ou quem estaria impedindo o anticristo de manifestar-se, até que chegue o tempo certo, Paulo sentiu ser desnecessário identificar, pois os crentes tessalonicenses já conheciam a identidade do tal, por meio do doutrinação oral de Paulo (2.5-8). As duas sugestões mais prováveis são: (1) essa força restritiva é a instituição do governo humano — personificada em governantes como os imperadores romanos e outros — ordenada por Deus para a proteção da lei e da ordem (pois o anticristo será um iníquo, um “desregrado” que não obedecerá lei alguma; (2) essa força restritiva é a atuação ativa do Espírito Santa no mundo, no tempo presente, que impede o surgimento do anticristo, ou diretamente ou por meio da Igreja. Outros pensam que Paulo se referia à pregação missionária como se fora esse poder, e que ele mesmo, como principal missionário, era aquele que “detém” o anticristo. Entretanto, é difícil pensarmos que Paulo antecipava sua própria remoção especial como a condição do aparecimento do anticristo, porquanto noutras passagens ele expressa sua expectativa pela *parousia* tanto quanto os cristãos o fazem. Finalmente, a ênfase que se vê em 3.17 sobre a escrita com o próprio punho de Paulo subentende que alguma epístola já havia sido forjada, em nome de Paulo, em respaldo daquela posição fanática.

CONCLUSÃO

Estas cartas oferecem contribuições importantes para o nosso conhecimento da escatologia. Na primeira carta ficamos sabendo que não há problema algum com crentes que morrem antes da *parousia*. Quando Jesus voltar, essas pessoas serão as primeiras a ressurgir dos mortos, e elas virão com ele. Depois disso, os crentes que estiverem vivos serão arrebatados para se encontrarem com o Senhor nos ares “*e assim estaremos para sempre com o Senhor*” (ITs. 4.17). Paulo não estimula a especulação sobre a data da *parousia*. Ela ocorrerá inesperadamente (ITs. 5.1-2) e o importante é que “*quer estejamos acordados, quer dormindo, vivamos unidos a ele*” (ITs. 5.10).

Na primeira carta, as explicações de Paulo sobre alguns assuntos foram satisfatórias. Ele fora acusado de enganar os novos convertidos com adulações e coisas do gênero, de estar interessado no dinheiro e não no progresso espiritual deles. Na segunda carta Paulo não volta a esse assunto, parecendo evidente que ele havia calado a oposição. Outros pontos, entretanto, precisaram ser melhor esclarecidos. Existe um ensino novo, a questão do “iníquo” (2.8), mas na maior parte do texto Paulo na segunda carta reforça o que já tinha escrito. O problema da ociosidade persistia e precisou ser enfatizado (IITs. 3.6-13). Mal-entendidos sobre a *parousia* tinham quer ser corrigidos, os vacilantes tinham de ser encorajados, os pecadores tinham que ser exortados a emendar seus caminhos.

Paulo escreveu para atender as necessidades do seu rebanho. Os crentes de Tessalônica constituíam uma igreja nova, não estavam na fé tempo suficiente para compreender muitas coisas que já eram ponto pacífico para cristãos mais amadurecidos. Eles necessitavam de orientação e estímulo. Paulo, seu pai espiritual, estava interessado neles e escreveu para ajudá-los a prosseguirem no serviço de seu Senhor.

Ao refutar as falsas acusações de seus opositores, Paulo expõe aos evangelistas e pastores, de todos os tempos, lições importantes sobre o tipo de vida que devem ter (ITs. 2.1-10). A exortação de Paulo é que os crentes vivam como “*filhos da luz e filhos do dia*” (ITs. 5.5).

AS CARTAS PASTORAIS DE PAULO

INTRODUÇÃO

I e II Timóteo e Tito estão no grupo das chamadas *cartas pastorais*, assim denominadas porque Paulo as escreveu para dois jovens pastores. Elas contêm instruções sobre a conduta pessoal dos ministros do evangelho e suas responsabilidades eclesiásticas e administrativas nas igrejas locais.

Nada indica que essas cartas foram escritas na mesma ocasião e há nelas diferenças importantes. Por exemplo, I Timóteo trata do ministério da igreja, II Timóteo não fala praticamente nada sobre isso e Tito fala muito pouco desse assunto.

Alguns estudiosos dizem que essas cartas podem ser melhor compreendidas se lidas no contexto de outros textos de Paulo: se lermos Tito junto com outras cartas de viagem e II Tm. junto com as outras cartas da prisão seu conteúdo fica mais claro, e as coisas parecem diferentes se estudarmos essas cartas isoladamente ou juntando as três num grupo à parte.

AUTORIA E AUTENTICIDADE

Os eruditos da moderna alta crítica lançam mais dúvidas sobre a autenticidade dessas epístolas do que sobre quaisquer outras obras que se declaram de autoria paulina. De acordo com o entendimento que nega a autoria paulina das epístolas pastorais, seu autor pseudônimo teria lançado mão da autoridade do nome de Paulo, a fim de combater o gnosticismo incipiente no século II. Essa opinião afirma que (1) as epístolas pastorais são obras inteiramente pseudônimas, mas não explicam os itens tão pessoais a respeito de Paulo, que trazem sinais de autenticidade, ou (2) que algum admirador de Paulo incorporou observações paulinas autênticas em epístolas escritas depois de Paulo já ter falecido.

As dúvidas a respeito da autoria paulina se originam primariamente de diferenças de vocabulário e estilo gramatical, que figuram nas pastorais, quando postas em confronto com outras epístolas paulinas. As conclusões resultam de tabelas estatísticas elaboradas com o auxílio de computadores. Por exemplo, as *cartas pastorais* têm no total de 902 palavras e dessas não mais de 50 palavras são caracteristicamente paulinas. Além disso, algumas palavras têm significado diferente de um livro para outro. Por exemplo, Paulo usa *antechomai* com sentido de *amparar, ajudar* em ITs. 5.14 e como *apegar-se* em Tt. 1.9; a palavra *koinos* significa *leviticamente impuro* em Rm. 14.14 e *comum* em Tt. 1.4.

Alega-se, também, que muitas palavras encontradas nas pastorais são encontradas nos escritos dos pais apostólicos e apologistas do século II. Das 306 palavras encontradas nas pastorais, que não se acham nas outras cartas paulinas, 211 são lidas nos escritos do século II, levando muitos estudiosos a concluir que Paulo não foi o autor das *cartas pastorais*, mas sim um escritor do século II. Afirmam que não é razoável pensar que Paulo, na sua velhice, repentinamente começou a utilizar uma variedade de palavras não encontradas anteriormente.

Esse argumento parece convincente à primeira vista, porém Paulo empregou centenas de novas palavras na sua velhice, e os alegados termos encontrados nos pais apostólicos também podem ser achados em escritos anteriores aos ano 50 d.C., e figuram na Septuaginta e na literatura grega extra bíblica do primeiro século cristão, pelo que tais palavras sem dúvida faziam parte do vocabulário de Paulo e dos seus amanuenses.

Essa objeção “científica” à autoria paulina, também não leva em conta as diferenças de vocabulário e estilo causadas pelas diferenças de assuntos e de pessoas endereçadas, além das alterações causadas no estilo de um escritor por considerações como meio ambiente, mais idade, maior experiência e a mera passagem do tempo. Talvez ainda mais significativa seja a possibilidade que as divergências de estilo se tenham originado dos diferentes amanuenses, ou do fato que Paulo deu maior ou menor liberdade a seus amanuenses para usarem um fraseado de acordo com seus pensamentos, no que algumas vezes se mostrou mais exigente do que em outras. A explicação que leva em conta os amanuenses é ocasionalmente desprezada, porquanto supostamente seria uma explicação fácil demais. No entanto, é uma explicação realista, porque sabemos positivamente que Paulo costumava ditar suas epístolas.

Além disso, as epístolas geralmente aceitas sem contestação como paulinas, ou passagens mais ou menos longas nelas existentes, exibem as mesmas formas de variedade de estilo que servem, nas mãos de alguns, para negar a autoria paulina das epístolas pastorais. Outras estatísticas, de contagem de palavras, mostram que as três pastorais foram escritas por um mesmo autor, e nada exclui de modo definitivo que ele seja Paulo.

TEORIA DOS FRAGMENTOS PAULINOS

Há certa variedade de opiniões sobre quais seções das epístolas pastorais contêm supostos fragmentos de material que, na realidade, foram escritos por Paulo. Em adição, é improvável que meros fragmentos de genuínas epístolas paulinas houvessem sido preservados, sobretudo porque a maioria deles é de natureza pessoal, não se revestindo de atrativos teológicos. Ainda é mais improvável ainda que tenham sido incorporados mais tarde em epístolas pseudoepígrafas mais longas, de forma desordenada, ao acaso. E por que o suposto forjador teria concentrado quase todos esses fragmentos em II Timóteo, ao invés de distribuí-los de maneira regular pelas três epístolas pastorais? E, pensando nisso, por que ele teria escrito três epístolas pastorais? O conteúdo das mesmas não difere de modo suficiente para indicar por qual razão ele teria escrito três epístolas, em nome de Paulo, ao invés de apenas uma.

PSEUDÔNIMO

Em apoio à autoria paulina há a declaração, constante no primeiro versículo de cada carta pastoral, no sentido que Paulo foi o seu autor. Contra tal reivindicação argumenta-se que escrever com a autoria oculta por um pseudônimo era uma prática literária bem aceita (contrafação piedosa) nos tempos antigos e até na Igreja primitiva. Os fatos, todavia, demonstram que usar um pseudônimo era uma prática ocasional, nada comum na Igreja primitiva. O apóstolo Paulo adverte contra as falsificações em seu nome (IITs. 2.2 e 3.17). A Igreja antiga excluiu um ancião de seu ofício eclesiástico por haver escrito sob um pseudônimo e se mostrava intensamente preocupada com questões de autoria, segundo se depreende, por exemplo, do debate sobre a autoria da Carta aos Hebreus e da hesitação em adotar um livro de autoria desconhecida na coletânea do Novo Testamento.

Outrossim, é altamente improvável que um admirador do já falecido Paulo tivesse chamado o apóstolo de “o principal” dentre os pecadores (ITm. 1.15). As epístolas pastorais são muito mais semelhantes, em estilo e conteúdo, às demais epístolas de Paulo do que o são os livros não-canônicos e indubitavelmente pseudônimos, em relação aos escritos autênticos daquele em cujos nomes foram forjados. Em acréscimo à reivindicação constante nas próprias epístolas pastorais, de que elas foram escritas por Paulo e à preocupação da Igreja antiga com questões que envolvem a autoria, temos a fortíssima e antiga tradição que diz que o próprio Paulo escreveu as epístolas pastorais. Somente Romanos e I Coríntios contam com confirmações mais decisivas.

A OMISSÃO DE MARCIÃO

Aqueles que duvidam da autoria paulina também afirmam que a o herege gnóstico Márciom também omitiu as epístolas paulinas de seu “cânion” do Novo Testamento, porque elas não seriam da autoria de Paulo. Todavia, Marcião tinha a tendência de rejeitar porções do Novo Testamento aceitas pelos cristãos ortodoxos.

Por exemplo, ele repelia os evangelhos de Mateus, Marcos e João, e retirava porções do evangelho de Lucas. A assertiva de que “a lei é boa” (ITm. 1.8) deve ter ofendido Marcião, que rejeitava radicalmente o Antigo Testamento, e a referência depreciativa àquilo que Paulo intitula de “as contradições do saber [no grego gnosís], como falsamente lhe chamam” (ITm. 6.20) deve ter antagonizado com Marcião, o qual chamava o seu próprio sistema doutrinário de *gnosís* - tudo isso serviria de amplas razões para Marcião haver omitido as epístolas pastorais de seu cânion, sem que isso desse a entender que elas são obras pseudônimas.

GNOSTICISMO

Por igual modo, alguns asseveram que as epístolas pastorais atacam certa variedade de gnosticismo que só surgiu após o período da vida de Paulo. Na verdade, o ascetismo criticado em ITm. 4.3 “*que proibem o casamento e exigem abstinência de alimentos*”, se parece bastante com o gnosticismo de período posterior. Não obstante, o proeminente elemento judaico que havia nas falsas doutrinas combatidas — “especialmente os da circuncisão”, “fábulas judaicas” e “debates sobre a lei” (Tt. 1.10,14 e 3.9 respectivamente) — comprova que as epístolas pastorais não atacavam, necessariamente, o gnosticismo posterior, pois as características

judaicas, apesar de terem passado até o segundo século, caracterizavam melhor a fase inicial do movimento. As epístolas pastorais, bem pelo contrário, atiram-se contra o tipo misto de heresia que já fora combatido antes na Carta aos Colossenses, o que conforme se sabe teve origem em um judaísmo sincretista da variedade gnóstica pré-cristã. Por isso é preferível pensarmos numa data mais antiga para as epístolas pastorais, o que favorece a autoria paulina, porquanto um falsificador piedoso não teria ousado utilizar-se do nome do apóstolo numa época bem próxima da vida de Paulo.

ESTRUTURAS ECLESIASTICAS

Também se tem dito que as epístolas pastorais refletem uma estrutura eclesiástica mais bem organizada do que aquela que já se desenvolvera durante a vida de Paulo. Entretanto, as epístolas pastorais mencionam somente os anciãos (ou bispos), os diáconos e as viúvas, classes que já figuravam antes no Novo Testamento. Vide, por exemplo Atos 6.1 e 9.39-41; ICo. 7.8 e Fp. 1.1. Outrossim, os Papiros do Mar Morto, que pertencem a dias anteriores ao Cristianismo, descrevem um oficial da comunidade de Qumran que se assemelha de forma notável aos bispos que são mencionados nas epístolas pastorais. As instruções dadas a Timóteo e a Tito (ITm. 5.22 e Tt. 1.5), a respeito da nomeação de anciãos, não se devem a um governo eclesiástico hierarquicamente evoluído, mas ao fato que novas igrejas locais foram iniciadas pelo trabalho missionário e, tal e qual Paulo e Barnabé, desde o início fizeram nomear anciãos para as novas igrejas do sul da Galácia (At. 14.23).

ORTODOXIA

Por igual modo, argumentam alguns, que a ênfase posta sobre a ortodoxia doutrinária, nas epístolas pastorais, implica em um estágio pós-paulino do desenvolvimento teológico, quando a doutrina cristã já era considerada como completa, e, conseqüentemente era mister defendê-la da corrupção, ao invés de ampliá-la em seu escopo. Entretanto, a defesa da tradicional ortodoxia cristã caracteriza as epístolas de Paulo desde os primórdios de suas atividades. Exemplos disso são a epístola aos Gálatas como um todo e o capítulo 15 de I Coríntios.

INFORMES HISTÓRICOS CONFLITANTES

Finalmente, alguns afiançam que as epístolas pastorais fornecem informes históricos e geográficos que não combinam com a carreira de Paulo, conforme o registro do livro de Atos e das suas outras epístolas. Supostamente, esse teria sido o erro crasso de algum falsificador piedoso. Os informes conflitantes são que Paulo deixara Timóteo em Éfeso, quando viajou para a Macedônia (ITm. 1.3 — contrastar com At. 20.4-6), que Demas abandonara Paulo (IITm. 4.10 — Demas continuava em companhia do apóstolo em Fm. 24), e que Paulo deixara Tito em Creta (Tt.1.5) e fora para Nicópolis (Tt. 3.12), ao mesmo tempo que Tito continuara a jornada até a Dalmácia (IITm. 4.10) ao passo que no livro de Atos Paulo não visitara nem Creta nem Nicópolis.

Essas aparentes distorções acabam fortalecendo a autoria de Paulo, porque seria evidente que um falsificador piedoso, que estivesse produzindo no século II um documento com assinatura de Paulo, teria se certificado das reminiscências da vida do apóstolo para não levantar suspeitas de falsificação.

DOIS APRISIONAMENTOS EM ROMA

Devemos considerar que não há razão alguma que nos obrigue a crer que o Livro de Atos conta a história completa da vida de Paulo. Uma vez que sua morte não foi registrada, ele aparentemente foi libertado de sua prisão em Roma, viajou pelo império mais alguns anos, talvez até tenha ido à Espanha. Algum tempo depois Paulo foi novamente encarcerado, no governo de Nero, sendo condenado à morte como mártir da fé cristã, que fora declarada uma religião ilícita.

Nesse período de liberdade se encaixam os informes das pastorais. Os informes históricos e geográficos das epístolas pastorais não entram em conflito com o livro de Atos, mas tratam de eventos que tiveram lugar após o encerramento narrado do livro de Atos. As próprias epístolas pastorais constituem uma evidência a favor da hipótese de dois períodos separados de aprisionamento em Roma. Outro tanto sucede no caso da expectativa de Paulo de que seria libertado em Fp. 1.19,25 e 2.24, escrita durante seu primeiro aprisionamento em Roma, em contraste com o fato que Paulo não tinha a menor esperança de ser solto, como se lê em II Tm. 4.6-8, escrita durante o seu suposto segundo e último período de aprisionamento em Roma.

ORDEM DE ESCRITA

Concluimos que Paulo escreveu I Timóteo e Tito entre dois períodos de aprisionamento, ao passo que II Timóteo foi escrita durante seu segundo aprisionamento, pouco antes do seu martírio. Permanecerá para sempre desconhecido se Paulo chegou à Espanha, conforme ele planejara e registrara em Romanos 15.24,28. Clemente de Roma, pai da Igreja primitiva, escreveu que Paulo “atingiu os limites do Ocidente” (I Clemente 5.7), declaração essa que pode ser interpretada como alusão ou a Roma ou à Espanha, no extremo ocidental da bacia do Mediterrâneo.

PROPÓSITOS SECUNDÁRIOS

Em acréscimo às instruções atinentes às responsabilidades administrativas de Timóteo e Tito nas igrejas, Paulo convocou Tito para reunir-se a ele em Nicópolis, na costa ocidental da Grécia. Em II Timóteo, Paulo, rememorando sua carreira passada e aguardando a sua execução para breve, solicita a Timóteo que viesse ter com ele em Roma, antes da chegada do inverno (4.6-9,21 e 1.17). Paulo temia que de outro modo jamais veria Timóteo novamente, porque a navegação sofria solução de continuidade durante o inverno e a sua execução poderia ocorrer antes disso.

I TIMÓTEO

ACEITAÇÃO NO CÂNON

Nos dias atuais tem sido levantadas dúvidas sobre a autenticidade desta e das outras cartas pastorais, mas isso não corresponde a nenhuma opinião amplamente aceita na antiguidade. Policarpo, Atenágoras e outros escritores posteriores citaram ITm. e ela foi

considerada escrita por Paulo e aceita como canônica. Parece ter sido rejeitada por Taciano, que tinha pontos de vista individualistas, e Marcião não a incluiu no seu *cânon*, porém ele rejeitou inúmeros outros livros do NT. Fora esses dois indivíduos com opiniões bem peculiares, ITm. foi atribuída à autoria de Paulo universalmente.

TIMÓTEO

Filho de pai grego e de uma judia piedosa, chamada Eunice (IITm. 1.5), Timóteo aparece intimamente ligado a Paulo a partir da segunda viagem missionária do apóstolo (At. 16.1-3; IITm. 1.5). A tradição diz que quando eles se conheceram, e Timóteo se converteu, na primeira viagem missionária de Paulo, tinha apenas 13 anos de idade. Houve um afastamento entre os dois por alguns anos e na passagem de ITm. 4.12 Timóteo teria em torno de 20 anos, e já havia adquirido maturidade suficiente para ser reconhecido por Paulo como um ministro potencialmente valoroso, tornando-se companheiro e assistente do apóstolo.

Timóteo fora instruído nas Sagradas Escrituras desde menino, e era um exemplo de jovem crente. Desde cedo demonstrou considerável habilidade como pregador, e possuía o dom profético (ITm. 4.14 e IITm. 1.6). Ele é mencionado em todas as cartas de Paulo exceto Gálatas. Foi um dos mais fieis e constantes companheiros do apóstolo até o fim. Juntamente com Silas, Timóteo acompanhou Paulo na sua segunda viagem missionária, estando associado à fundação da igreja de Tessalônica. Com frequência ele é chamado de 'irmão' (IICo. 1.1; Cl. 1.1; ITs. 3.2 e Fm. 1). Em Fp. 1.1 é chamado servo (ou escravo) de Cristo. Paulo o encarregou de diversas missões especiais.

APELO À ORTODOXIA

Após a saudação, I Timóteo começa com uma advertência a respeito dos falsos mestres, que manipulavam erroneamente a lei. Em seguida Paulo relembra a sua própria experiência de conversão e a sua comissão ao apostolado e exorta Timóteo para que se afeire tenazmente à fé cristã ortodoxa. Timóteo precisava usar de cautela no caso de dois mestres falsos que Paulo excluía da Igreja, para que ficassem no mundo, que é o território de Satanás “*os quais entreguei a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem*” (1.20).

A frase “*fiel é a palavra e digna de toda aceitação*”, que conduz à assertiva “*Cristo Jesus veio ao mundo para salvar pecadores*” (v. 15), é uma fórmula que introduzia antigas confissões e hinos cristãos (o que também se vê em ITm. 3.1 e 4.9-10; IITm. 2.11-13 e Tt. 3.5-8).

ORAÇÃO E MODÉSTIA

O segundo capítulo começa com uma exortação para que se façam orações em favor de todos os homens, mormente as autoridades governamentais. Seguem-se instruções que ensinam às mulheres cristãs a se vestirem com modéstia, sem extravagâncias, bem como a não ocuparem posições em que ensinem oficialmente a homens. A declaração “será preservada através de sua missão de mãe” (2.15), provavelmente significa que, apesar das dores sofridas durante o parto, um resultado restante da maldição original contra o pecado humano (Gn. 3.16) a mulher crente será salva do juízo eterno de Deus contra o pecado. Noutras palavras, o doloroso parto não contradiz a salvação das mulheres cristãs. Segundo esse ponto de vista “através de” significa “em meio à” e não “por meio de” (sua missão de mãe).

BISPOS E DIÁCONOS

Em prosseguimento, Paulo lista as qualificações necessárias aos bispos e diáconos. *Bispo* (*episcopos*) significa supervisor ou superintendente, referindo-se ao ofício preenchido por homens também chamados anciãos (*presbuteroi*). Portanto, embora “bispo” e “ancião” sejam diferentes vocábulos gregos, são termos sinônimos. “*iácono* quer dizer servo, ajudador, e se refere aos assessores dos bispos, os quais cuidavam das questões seculares da vida eclesiástica, particularmente a assistência social. A lista das qualificações para as mulheres em 3.11, pode subentender a ordem feminina das diaconisas, ou então aludem às esposas dos diáconos, das quais se esperava que ajudassem a seus esposos no serviço social.

A seção se encerra com a citação de um antigo hino ou credo cristão, o qual traça, a carreira de Cristo da encarnação à ascensão (“*Aquele que foi manifestado na carne... recebido na glória*” - 3.16).

PROPRIEDADE

Um outro aviso concernente às doutrinas falsas (cap. 4) é seguido no capítulo 5 por observações acerca do relacionamento apropriado entre Timóteo e as diferentes faixas etárias na igreja, sobre a posição ocupada pelas viúvas e sobre o tratamento que se deve dar aos anciãos. Sendo ainda jovem, Timóteo deveria tratar com outros jovens como seus irmãos, com homens de mais idade como se fossem seus pais, com mulheres idosas como as mães, e com as donzelas como se fossem suas próprias irmãs.

AS VIÚVAS

As viúvas deveriam ser sustentadas por seus próprios familiares, porém, as viúvas idosas que vivessem piedosamente, se não contassem com a ajuda financeira dos parentes, deveriam receber assistência econômica por parte da igreja. As viúvas mais jovens deveriam contrair novo matrimônio, para não caírem na tentação de apelar para uma vida imoral, como meio de sustento.

OS ANCIÃOS

Os anciãos fieis, em especial aqueles que pregam e ensinam, merecem sustento financeiro. Os pastores não devem ser impugnados, exceto se houver duas ou três testemunhas de acusação; mas aqueles cujos erros fossem comprovados deveriam ser publicamente repreendidos. Timóteo não deveria consagrar (impor as mãos) nenhum homem ao ofício ministerial apressadamente, mas antes deveria provar o caráter de tal homem, e isso por um certo tempo. A carta termina no capítulo 6, com diversas instruções a respeito de escravos cristãos, falsos mestres, crentes abastados e as responsabilidades espirituais do próprio Timóteo.

CONCLUSÃO

Esta carta é uma correspondência pessoal, escrita pelo mentor de um jovem pastor para dar-lhe a orientação que ele precisava para desenvolver seu trabalho de superintendente de igrejas. Em diversos outros textos Paulo expressa seu amor por Timóteo, chamando-o de filho e

ao mesmo tempo irmão e companheiro de trabalho, e alguém de sua inteira confiança. A carta também é importante para lançar luzes sobre o ministério da igreja cristã. Fora das cartas pastorais o Novo Testamento fala pouco sobre a organização eclesial, por isso é importante o que esta carta tem a dizer sobre os ministros do evangelho. Paulo parece não estar preocupado com a questão da ordenação, o que lhe importa é que aqueles que estão no ministério sejam pessoas corretas, líderes de caráter irrepreensível. A conduta de todos que estão na igreja também merece a atenção do apóstolo, que insiste na importância da oração (2.8) e maneira como os crentes devem se comportar, se dirigindo a cada segmento em particular: as mulheres (2.9-15), os idosos e os mais jovens (5.1-2), as viúvas (5.3-16), os escravos (6.1-2), e os ricos (6.17-19).

Há responsabilidades diferentes para pessoas em posições diferentes, mas os crentes que professam ser cristãos devem cuidar para que suas vidas reflitam aquilo em que creem. O tempo todo a carta lembra aos leitores da importância do viver cristão na retidão.

II TIMÓTEO

INTRODUÇÃO

Esta foi a última carta que Paulo escreveu. Eusébio datou em 67 d.C. o martírio de Paulo, portanto a carta também tem esta data. Ela inicia com a lembrança da chamada divina de Timóteo e de Paulo, entremeadas com exortações e uma observação sobre alguns que haviam deixado Paulo desamparado na prisão, e outros que permaneceram ao seu lado. As demais instruções dadas a Timóteo fazem comparações com o trabalho árduo e a autodisciplina requeridos da parte de soldados, atletas e agricultores. Em contraposição ao ensino herético, Paulo frisa que *“toda escritura é inspirada por Deus e útil”* (3.16). Uma incumbência final, a de pregar a Palavra de Deus, uma declaração sobre sua disposição de ir até à morte, notícias pessoais e solicitações concluem a despedida de Paulo.

ACEITAÇÃO NO CÂNON

Clemente de Roma, Inácio, Policarpo, Clemente de Alexandria e Irineu citaram esta carta e ela está incluída no Cânon Muratoriano. De modo geral parece que houve pouca dúvidas sobre sua autenticidade.

CONTEXTO HISTÓRICO

Paulo estava preso em Roma (o segundo aprisionamento naquela cidade) por causa da perseguição promovida por Nero contra os cristãos. Quando escreveu esta carta o apóstolo sabia que sua morte estava muito próxima (1.8,16 e 4.6-8). Nessa oportunidade Paulo estava numa masmorra, em condições bem diferentes da sua primeira prisão na capital do império, que havia sido domiciliar. Ao se aproximar o tempo da despedida final, ele escreveu ao seu jovem filho na fé esta carta intensamente pessoal. Segundo a tradição, pouco depois ele foi decapitado na Via Óstia, a oeste de Roma.

CONTEÚDO

Janes e Jambres (v. 3.8) eram dois mágicos de Faraó que opuseram a Moisés, conforme o Targum de Jônatan sobre Êxodo 7.11, e primitiva literatura cristã fora do Novo Testamento. Os pergaminhos que Paulo rogou fossem trazidos por Timóteo (v. 4.13) por certo tinham um conteúdo importante, pois o pergaminho era um material dispendioso. Talvez fossem os documentos legais de Paulo, como o seu certificado de cidadania romana, ou cópias de Escrituras do Antigo Testamento, ou registros da vida e dos ensinamentos de Jesus.

Provavelmente cumpre-nos compreender o livramento de Paulo “da boca do leão” de forma figurada, e não literal, pois usava-se a figura do leão como metáfora indicativa de extremo perigo (v. 4.17, comparar com Salmo 22.21). Mais especificamente, o leão tem sido empregado como símbolo do diabo, conforme se vê em I Pedro 5.8, ou do imperador Nero.

CONCLUSÃO

O estudo desta carta deve levar em conta a forte convicção de Paulo que estava em vias de ser morto, por defender a fé cristã (v. 4.6-8), portanto não esperava escrever mais a Timóteo ou a qualquer outra pessoa, e esta mensagem deve ser entendida como uma última comunicação importante para um subordinado de confiança.

Um aspecto importante da carta é que ela nos mostra como um mártir cristão deve enfrentar a morte. Em muitos países, com governos anticristãos, as pessoas estão morrendo por sua fé. Uma pesquisa jornalística do final do século passado (séc. XX) traz a informação da morte diária de 330.000 cristãos, em média, por todo mundo. Isso significa que existem mais mártires hoje do que em qualquer outro período da história. Os cristãos ocidentais têm percebido pouco essa realidade, mas é importante que observemos a atitude de Paulo diante do fato concreto de morrer por Cristo.

A par de tudo isso, Paulo tem muito a dizer sobre o que Deus tem feito, ao referir-se ao evangelho como poder de Deus para a salvação, o chamado a uma vida santa, a graça dada em Cristo “*antes dos tempos eternos*” e agora revelada em nosso Salvador, a destruição da morte e a dádiva da imortalidade (v. 1.8-10).

O alicerce de toda vida cristã é aquilo que Deus já fez, e Paulo deixa claro que tudo que se requer dos cristãos é que vivenciem as consequências do ato salvífico de Deus, o que podemos fazer porque Ele nos deu “*um espírito de poder, amor e de moderação*” (domínio próprio).

TITO

CONTEXTO HISTÓRICO

A ordem provável ordem dos acontecimentos mais significativos é a seguinte: (1) Paulo foi libertado da prisão domiciliar em Roma, onde o encontramos no final de Atos. Provavelmente seus acusadores não levaram adiante suas acusações contra ele perante César (At. 24.1 e 28.30), por isso perderam o caso na corte e Paulo foi libertado; (2) Paulo visitou Éfeso e lá deixou Timóteo, para supervisionar as igrejas da Ásia, e seguiu para a Macedônia

(norte da Grécia) de onde escreveu I Timóteo (ITm. 1.3); (3) Depois disso Paulo visitou Creta e lá deixou Tito, para supervisionar as igrejas cretenses, e seguiu para Nicópolis, na Acaia (sul da Grécia) cf. Tt. 3.12; (4) de Nicópolis (ou da Macedônia) Paulo escreveu esta carta para encorajar Tito; (5) Em seguida Paulo visitou Trôade, onde foi repentinamente preso e levado a Roma, na masmorra escreveu II Tm. e por fim foi decapitado.

ACEITAÇÃO NO CÂNON

Alguns escritores do século II, Tertuliano, Irineu e possivelmente Clemente de Roma citam a Carta a Tito. Taciano, que rejeitou I e II Timóteo, aceitou esta carta e ela constava do Cânon Muratoriano. A partir do século II esta carta foi universalmente aceita sem questionamentos sobre sua autoria e autenticidade.

TITO

Gentio de nascimento (Gl. 2.3), Tito se converteu pelo ministério de Paulo (Tt. 1.4). Acompanhou Paulo a Jerusalém por ocasião do concílio apostólico (At. 15.2; Gl. 2.1-3). Foi emissário de Paulo à igreja de Corinto durante a terceira viagem missionária (II Co. 7.6-7 e 8.6,16). Embora tenha sido um dos companheiros de viagem de Paulo, Tito não é mencionado no Livro de Atos. Esse fato dá apoio ao entendimento que a narrativa lucana segue um esboço geral, e deixou de lado um grande volume de ricas informações. Tito e outros dois irmãos levaram II Coríntios aos destinatários e foi ele quem fez a coleta para os pobres de Jerusalém naquela cidade. Ele foi uma figura importante em Corinto, representando Paulo naquela cidade no período entre a primeira e a segunda carta que o apóstolo escreveu para aquela igreja.

Paulo deixou Tito em Creta para consolidar o trabalho, posteriormente Tíquico substituiu Tito em Creta. No intervalo entre o primeiro e o segundo aprisionamento de Paulo em Roma, Tito foi encontrar-se com o apóstolo em Nicópolis (Tt. 3.12), e dali foi enviado à Dalmácia (atual Iugoslávia – II Tm. 4.10). Diz a tradição que Tito retornou a Creta e ali morreu.

CONTEÚDO

Paulo escreveu esta epístola quando estava em Nicópolis, na costa ocidental da Grécia. Endereçou-a a Tito, a quem deixara na ilha de Creta, a fim de organizar uma igreja local ali. Tal como fizera em I Timóteo, o apóstolo adverte no tocante aos mestres falsos e baixa instruções acerca da conduta conveniente de várias classes de cristãos. A base doutrinária de tais instruções é a graça de Deus, a qual confere a salvação, conduz à vida piedosa e oferece a “*bendita esperança*” da volta de Jesus (v. 2.11-14). A base experimental dessas instruções é a regeneração operada pelo Espírito Santo (v. 3.3-7).

CONCLUSÃO

Esta carta traz algo que foi chamado pelos estudiosos “a função civilizadora do Cristianismo”. Tito estava dando continuidade à implantação de uma igreja nova mas promissora. Ainda nem tinham sido designados os presbíteros, e Tito estava incumbido de escolhê-los. Em Creta, onde Tito estava, havia a possibilidade que os presbíteros tivessem filhos não convertidos ou “*acusados de libertinagem e insubmissão*” (v. 1.6). O próprio presbítero

deveria ser alguém “*não orgulhoso, não briguento, não apegado ao vinho, não violento nem ávido por lucro desonesto*” (v. 1.7). Ele tinha que atuar numa comunidade na qual um de seus próprios membros disse “*cretenses sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos*” (v. 1.12).

Pelas orientações dadas por Paulo, vemos que os cretenses de modo geral teriam que experimentar o poder transformador do evangelho, abandonando costumes nada louváveis: mulheres dadas ao vinho que negligenciavam a família (v. 2.3-4), escravos ladrões (v. 2.10), cidadãos que desrespeitavam as autoridades e costumavam difamar uns aos outros (v. 3.1-2). Mesmo assim o apóstolo os considerava promissores e esperava que eles viessem a apresentar qualidades de um caráter cristão.

Nem Paulo nem Tito tiveram dúvidas quanto a fundar uma igreja num ambiente como esse. Esta carta é um claro testemunho que a igreja cristã não foi criada para atuar apenas em lugares amenos e respeitáveis de classe média. O evangelho é para pessoas que oferecem menos perspectivas, e os mestres cristãos devem perseverar em sua tarefa de evangelização e liderança dos convertidos para um estilo de vida que dê glória a Deus.

CARTA A FILEMOM

INTRODUÇÃO

Esta carta também faz parte do grupo “cartas da prisão” escritas pelo apóstolo Paulo e tem vínculos com Colossenses (Cl. 4.9), não havendo dúvidas que as duas cartas foram escritas ao mesmo tempo.

AUTORIA E CANONICIDADE

Por ser uma carta breve, que trata de um assunto particular, é natural que Filemon tenha sido pouco citada na literatura antiga, mas ela aparece nos primeiros cânons (Muratoriano e de Marcião) e figuras como Tertuliano, Orígenes, Jerônimo e Crisóstomo fizeram referência a ela defendendo a autoria de Paulo e sua aceitação no cânon. Não há registros de qualquer dúvida sobre a autoria e canonicidade desta carta nos primeiros séculos do Cristianismo, mas houve no século IV certo preconceito contra ela, por parte de pessoas que não tinham apreço pelo tema da generosidade para com os escravos, que é o assunto tratado.

DATA E LOCAL DA ESCRITA

As mesmas conjeturas sobre a escrita em Éfeso ou Roma, discutidas nesta apostila no capítulo da Carta ao Filipenses, se aplicam aqui. Acrescente-se como mais um argumento a favor de Éfeso o v. 22, onde Paulo solicita que Filemom prepare um quarto para hospedá-lo, pois esperava sair logo da prisão. Isso sugere que Paulo estava numa cidade próxima de Colossos. Se Éfeso for aceita como o local da escrita a data seria o final dos anos 50 d.C., se Roma for considerada a data pertence ao final dos anos 60 d.C.

TEMA

Na Carta a Filemom o apóstolo solicita a certo cristão, proprietário de escravos, que acolhesse gentilmente, e talvez conferisse a liberdade, a um escravo fugido que apenas recentemente se convertera, e que agora retornava à presença de seu senhor. Difícilmente há um exemplo mais notável dos salutares efeitos sociológicos do evangelho, em todo o Novo Testamento.

FILEMOM, O PROPRIETÁRIO DE ESCRAVOS

Filemom, residente em Colossos, tornara-se cristão por intermédio de Paulo (“*tu me debes até a ti mesmo*” v. 19). Muito provavelmente isso sucedeu na cidade vizinha de Éfeso, durante o ministério efetuado ali por Paulo. Uma congregação costumava reunir-se na residência de Filemom (v. 2). Os primitivos cristãos não contavam com templos, e, por isso mesmo, se reuniam nas residências de seus membros. Se o número de crentes fosse grande demais para acomodá-los, usavam diversas residências.

ONÉSIMO, O ESCRAVO

Um escravo de Filemom, de nome Onésimo, fugira levando consigo algum dinheiro de seu senhor e se refugiara em Roma (ou Éfeso?), onde entrou em contato com Paulo. Considerando os costumes da época, é razoável pensarmos que Filemom mandou Onésimo realizar algum trabalho em outra cidade e ele não voltou. Na antiguidade (pelo menos entre os gregos) um escravo podia fugir de seu senhor e procurar proteção junto a um altar, que poderia ser o altar de uma família. Nesse caso o chefe da casa ficava obrigado a fazer o escravo voltar, e se ele não obedecesse seria vendido e o dinheiro enviado ao seu proprietário.

Não sabemos como Onésimo entrou em contato com Paulo, mas isso tornou o apóstolo responsável por seu retorno ao seu senhor, apesar de desejar mantê-lo consigo (v. 13). Como agente de sua conversão, Paulo o convenceu, que na qualidade de cristão, deveria retornar à companhia de seu senhor e viver à altura do significado de seu nome, porquanto “Onésimo” significa “útil” (v. 10—12). Com grande tato e cortesia cristã, Paulo escreveu a fim de persuadir Filemom não somente a aceitar Onésimo de volta sem puni-lo ou tirar-lhe a vida (o usual tratamento conferido a escravos que fugissem), mas também a acolher Onésimo como “irmão caríssimo... no Senhor” (v. 16). Tem sido sugerido que as palavras “*farás mais do que estou pedindo*” (v. 21), subentendem que Filemom deveria dar carta de alforria a Onésimo, mas talvez Paulo estivesse sugerindo apenas que Filemom permitisse que Onésimo se ocupasse do trabalho missionário. Paulo também se comprometeu a restituir Filemom do prejuízo financeiro causado por Onésimo, entretanto, a menção imediata da dívida espiritual maior ainda de Filemom ao apóstolo, convida aquele a cancelar a dívida financeira que Paulo acabara de assumir (v. 18—20).

Os estudiosos entendem que o fato de Filemom ter dado publicidade a esta carta significa que ele atendeu os pedidos de Paulo, a respeito de Onésimo, pois caso contrário a carta teria sido destruída e não saberíamos de sua existência.

CONTROVÉRSIA

Os professores John Knox e E. J. Goodspeed levantaram um questionamento a respeito de Filemom ser o destinatário desta carta. Eles entendem que Filemom era o superintendente das igrejas do Vale do Rio Lico, onde estavam localizadas as cidades de Colossos, Laodiceia e Hierápolis; que provavelmente ele fixara residência em Laodiceia, e não em Colossos; que Arquipo, e não Filemom, era o verdadeiro proprietário de Onésimo, pelo que teria sido o real endereçado da epístola; mas que Paulo enviara Onésimo de volta com a carta, via Filemom, a fim de que este importante ministro do evangelho exercesse pressão sobre Arquipo, que Paulo não conhecia, no sentido de que liberasse Onésimo para servir como missionário em companhia de Paulo. A Carta a Filemom, por conseguinte, seria a “Carta aos de Laodiceia”, mencionada em Colossenses 4.16, porquanto fora primeiramente ter nas mãos de Filemom, em Laodiceia, e em seguida foi encaminhada a Arquipo e à igreja que se reunia em sua residência com base em “tua casa” (v. 2). Esse é um entendimento isolado desses teólogos, que teve alguma repercussão mas muito pouca aceitação, pois essa não é a maneira óbvia e natural de interpretar Filemom v. 1-2.

Não há razão convincente para negar que a carta foi escrita para Filemom. Ele é mencionado em primeiro lugar, e não Arquipo, e isso faz dele o destinatário primário da carta (v. 1-2) seguido por sua esposa Áfia, Arquipo o líder da igreja (talvez filho de Filemom) e a congregação que se reunia na residência de Filemom.

CONCLUSÃO

Esta pequena carta não expõe temas doutrinários de maior destaque, mas tem algo de importante a dizer na esfera dos relacionamentos pessoais. No século I a escravidão era aceita como parte do curso natural da vida. Ninguém pensava em aboli-la. Um escravo podia ser considerado uma ferramenta viva e não uma pessoa. Mas, quando Paulo insta Filemom a receber Onésimo não mais como escravo, mas acima de tudo como irmão amado, e passa a falar dele tanto como pessoa como cristão (v. 16), ele torna a escravidão sem sentido. Paulo não apela a Filemom para agir com base em coisas como compaixão, ou interesse pessoal sincero, por mais importantes que sem dúvida sejam, mas com base no amor (v. 9), a manifestação visível do evangelho. Paulo disse que “*cada um continue vivendo na condição que o Senhor lhe designou*”, que o escravo é “*liberto do Senhor*” (I Co. 7.17,22) e que em Cristo não há “*nem escravo nem liberto*” (Cl. 3.11) e em Filemom descobrimos o que isso significava na prática. Paulo estava dizendo algo de importância permanente sobre a maneira como os cristãos vivem na sociedade da qual são membros.

Esta cartinha também lança luz sobre o caráter de Paulo. O apóstolo tem recebido críticas de alguns setores: ele é visto como uma pessoa fechada e intransigente, intolerante com os que divergiam dele e rigoroso em fazer prevalecer uma conformidade a seus padrões arbitrários. É bom ver este lado do apóstolo, um homem cheio de compaixão, que intercede por um escravo fugido e está pronto a pagar o preço. Fala-nos também algo de sua atitude para com Filemom e da maneira como foi capaz de preparar o caminho para que seu amigo fosse magnânimo.